

Artigo de Revisão

Reflexão sobre o homem na sociedade atual, a morte e a depressão inexplicável

Reflection about the man in today's society, death and unexplained depression

Husten da Silva Carvalho^{a,}*

^a *Doutor em Ciências*

INFORMAÇÃO DO ARTIGO

Histórico do artigo:

Aceito em 01 Novembro 17

Palavras-chave:

Depressão

Suicídio

Transtorno Depressivo

Keywords:

Depression

Suicide

Depressive Disorder

RESUMO

Vários instrumentos têm sido usados para abordar a sociedade atual, inclusive como ambiente que oferece condições para diferentes ideias sobre a morte e a depressão que acomete o homem. No entanto, a maior parte do que se aplica a respeito, principalmente quando nos referimos aos estudos médicos, concentra-se na avaliação do grau de risco para a saúde ou de tentativas de suicídio. Portanto, em nosso trabalho, o objetivo é abordar as fronteiras entre o homem na sociedade atual, a morte e a depressão, procurando evidenciar a presença de uma inadequação do homem à sua natureza biológica e intelectual que antecede a depressão como um sinal de transtornos, de desmoralização ou outras doenças e estados induzidos. O homem na sociedade atual, a ideia de morte e a depressão parecem estar em acordo com a mentalidade religiosa que é orgulhosa ao acreditar que rompeu os limites materiais. Uma sociedade moderna onde o homem sente-se como peça de uma engrenagem, na qual há ambientes sem motivações maiores para a criatividade ou para reflexões e restauração do equilíbrio, talvez esteja reunindo todas as condições necessárias para a proeminência dos sentimentos considerados vazios. E por aparente motivo inexplicável o homem adquire a sensação de fadiga ou perda de energia, se queixa de cansaço exagerado e sente lentificação ou retardo psicomotor, até mesmo podendo não reconhecer em si um estado de tristeza.

ABSTRACT

Several instruments have been used to talk about current society, including as an environment that offers conditions for different reflections about death and depression that affects man. However, much of what is applied to these subjects, especially when referring to medical studies, focuses on assessing the degree of health risk or suicide attempts. Therefore, in our work, the objective is to address the boundaries between man in today's society, death and depression, seeking to evidence the presence of a man's inadequacy to his biological and intellectual nature that predates depression as a sign of disorders, of demoralization or other diseases and induced states. The man in today's society, the idea of death and depression seems to be in agreement with the religious mentality that is proud to believe that it has broken the material limits. A modern society in which man feels himself to be a part of a gear in which there are environments without major motivations for creativity or for reflections and restoration of balance may be offering all the necessary conditions for the prominence of feelings considered empty. And for an apparent unexplainable reason the man acquires the sensation of fatigue or loss of energy, complains of excessive fatigue and is slow or retarded psychomotor, and may not recognize in itself a state of sadness.

Introdução

Informações sobre o homem na sociedade atual, a morte e a depressão tem sido

frequentemente tratadas, reviradas ou previstas, em especial pelas disciplinas da Psicologia que atendam às suas conformidades eletivas. Inúmeros instrumentos são utilizados em

* Husten da Silva Carvalho

abordagens distintas, tais como, cartas, entrevistas, experiências prévias, articulação com hipóteses clássicas, textos apócrifos, relação com estudos de temática biológica, experimentos farmacológicos, psicanálise e outras sociológicas, antropológicas ou filosóficas. Quando percorremos esses assuntos fica a impressão de que a maior parte do que se aplica a respeito, principalmente quando nos referimos aos estudos médicos, concentra-se na avaliação do grau de risco para a saúde humana ou de tentativas de suicídio. É também notório que, embora o tema esteja constantemente presente em publicações médicas, as hipóteses específicas levantadas estão sempre em acordo com os altos e baixos da popularidade de categorias ou elementos psicopatológicos apresentados na época em que os trabalhos são realizados. Portanto, em nosso estudo, abordamos as fronteiras entre o homem na sociedade atual, a morte e a depressão, procurando evidenciar a presença de uma inadequação do homem à sua natureza biológica ou intelectual que antecede a depressão como um sinal de transtornos.

Inicialmente, admitimos uma ideia sobre o homem na sociedade atual partindo do quanto atual deveríamos considerar. Dois indivíduos podem apresentar idades diferentes tendo a atualidade, dentro de cada um, mostrando-se de maneira distinta. É possível que apreenda, ou não, conhecimento sobre si e adquira maior habilidade para lidar com a realidade a qualquer tempo, ou o contrário. Para alguns, o contato inicial com mídias avançadas ou com redes sociais talvez tenha acontecido mais tardiamente, enquanto para outros, não, há ainda os que praticamente nasceram em contato. Atualmente, essas formas de comunicação ou exposição estão ocupando demasiadamente a vida do homem, estão presentes em suas relações e podem apresentar efeitos na adaptação do indivíduo em sociedade. Percebemos que refletir sobre o homem na sociedade atual inspira uma discussão relativamente longa, que ultrapassaria em muito a pretensão e a extensão do nosso estudo. Sendo assim, procuramos sinais do homem atual nas exposições e comportamentos de jovens próximos da idade adulta. Acreditamos que

nesses jovens haja, inevitavelmente, o homem mais atual em formação, mesmo

considerando que a idade e a maturidade não sejam exatamente elementos sincrônicos. Recorremos às informações que refletissem as consequências de seus comportamentos nos contextos familiares modernos e nas experiências frequentes consideradas boas ou ruins, buscando acesso a um campo potencialmente rico em registros.

Em nosso estudo também percorremos dois conceitos de morte: a morte cultural e a morte física. A morte cultural é aquela possível quando entrelaçada à vida, está presente onde morrer acontece frequentemente, a qualquer idade, mas trazendo consigo a possibilidade de reflexão, de ensinar ao homem o que deve ser feito de sua existência. A morte cultural traz clareza de um limite para o próprio homem. A perda de alguém causaria inevitavelmente uma instabilidade, mas, em seguida, levaria a várias tentativas de restauração do equilíbrio. Nela a perda ou a ausência naturalmente passa a ser ocupada pela reflexão sobre o sentido da vida, a relatividade das coisas terrenas, a preocupação excessiva com a vaidade, a inutilidade do acúmulo de coisas, a fragilidade das honrarias. O choque da perda e o luto se fundem com chances de contribuir na formação de um homem maduro, ciente de suas responsabilidades, de senso moral e disposto a fazer algo melhor nos próximos anos de sua vida¹.

O conceito de morte como fenômeno puramente físico é o mais presente nos tempos atuais². A morte física é privada da possibilidade de provocar algum ensinamento, de levar a alguma reflexão, de contribuir para o amadurecimento do homem. A morte física se encontra resumida, sem intercâmbio ou complementaridade com a vida, e está em acordo com as culturas modernas³. O homem atual internaliza a ideia de ser o tudo diante de cada coisa ou de não ter limites, sem considerar inicialmente o quanto isto pode trazer de conflitos diante da sua natureza. Para evitar sentir qualquer possibilidade de reconhecimento do limite, alimenta a ideia de morte física

impulsionado a entulhar-se de tarefas para escondê-la³.

Ao depararmos com informações sobre as formas dos jovens se relacionarem com as questões da morte, depressão e culpa, notamos com facilidade a presença do conceito de morte física. Esse conceito está presente ao meio das dificuldades de amadurecimento, de reflexão, compondo o quadro de ansiedade dentro de conflitos expostos abertamente, na aparente expansão do sistema de ilusão e no desenvolvimento de habilidades puramente mecânicas.

Nas redes sociais e mídias utilizadas por jovens, é possível observar uma exposição puramente preocupada em atender ao gosto mais popular possível. Um sinal disso é a possibilidade de encontrarmos, frequentemente, a expressão: “sou pop”, para designar uma espécie de status alcançado a partir do número de seguidores e curtidas⁴. É constante imagens de exibição do corpo, presença em ambientes sociais sofisticados ou em lugares que subentendam dispêndio de recursos para se chegar até eles⁴. Há muitas imagens que revelam um mesmo grupo de amigos, algumas exposições de habilidades na música, imagens ao lado de objetos de valor ou ameaçadores, imagens de jogos eletrônicos, entre outras⁴. Por outro lado, há poucas imagens de familiares⁴.

Os vídeos e fotos de adultos acompanhavam o que ocorre com os jovens, no entanto, surgem imagens com parentes ou grupos sociais em lugares diversos. Eventualmente as imagens são acompanhadas de pequenos trechos escritos para maior sensibilização, afirmando o que aparentemente mostram de habitual, incluindo a vaidade e o poder de aquisição⁴. Os adultos parecem igualmente sensíveis ao número de “curtidas”, inclusive com o risco de quem não “curtir”, ser cobrado, ou até excluído, caso insista em não “curtir”⁴. Quando surgem imagens no perfil em fundo preto com a palavra “luto”, basta acionar a página principal que rapidamente nos deparamos com uma homenagem altruísta, de valorização aos feitos de quem acabara de falecer e uma demonstração perfeita de equilíbrio com perspectivas de

continuidade em outro “plano”, como se tudo fosse parte de um procedimento. Os sentimentos da família são demonstrados com frases raramente espontâneas⁴. Reflexões pessoais, conflitos, mudanças de valores, restauração de equilíbrio nunca estão presentes.

Outra informação que nos impressiona na sociedade moderna é a ampla ascensão do consumo de jogos eletrônicos ao longo dos últimos anos e o número cada vez maior de adeptos. As indústrias têm investido cada vez mais na evolução tecnológica, aumentando a interatividade e envolvimento com o conteúdo do jogo através de sistemas elaborados de gratificação, com valorização por atitudes, acúmulo de conquistas ou experiências⁵. Isso obriga o jogador a ficar cada vez mais tempo dedicando-se à prática. A conexão dos jogos com a internet permite maior exibição das habilidades do jogador, causando sentimentos de prazer tanto pelo sistema de recompensa quanto pelas tarefas alcançadas e amplitude de valorização do jogador⁵. Há relato de que a prática de jogos eletrônicos pode trazer prejuízos por reduzir drasticamente o contato do indivíduo com inúmeras experiências consideradas fundamentais para seu amadurecimento e preparação para tarefas futuras, possivelmente associadas com áreas de formação profissional⁵. Há estudo que sugere uma relação estreita entre a prática excessiva de jogos eletrônicos, maior ativação do sistema de ilusão e a dependência⁵. O jogo conjugado à internet pode também assumir um papel de veículo capaz de promover suicídio. Recentemente, foi divulgado um vídeo do you tuber Felipe Neto, com mais de 10 mil seguidores, em sua maioria jovem adolescente, com informações sobre o jogo apelidado “Baleia Azul”, relacionado a casos de suicídios⁶. No jogo “Baleia Azul” a ideia é lançar cerca de 50 desafios aos participantes, via mensagens de WhatsApp, muitos deles requerendo automutilação ou incentivando os participantes a se colocarem em situações de risco de vida. O último desafio é tirar a própria vida⁶.

Estudos destacam que o suicídio cresce a cada ano no conjunto da população brasileira e já representa um aumento aproximado de 70%,

desde o início da década de 1980⁷. Percebemos, ao analisar os conteúdos dos noticiários mais populares, é que a morte na forma de suicídio parece ser mantida em silêncio, como sendo um tabu, enquanto para os casos de homicídio, não. O homicídio assume um status de epidemia e os suicídios são silenciados, mesmo podendo ser considerados um alerta sobre a presença de um sofrimento imenso. Isso sugere que, nos homicídios, há maior facilidade em encontrar um culpado, enquanto para os suicídios a ideia de morte atual parece rejeitar a possibilidade de identificar em quem está a culpa. Podemos citar uma série de prováveis motivos para o suicídio em jovens, tais como, usos de drogas, violência sexual, abusos diversos, violência doméstica e bullying⁷. Todos os motivos apresentados são relevantes, mas será que não há chances de um outro motivo estar antecedendo a todos esses? Será que não há nada que potencialize esses motivos bem conhecidos ao ponto de torná-los capazes de conduzir a uma última ação que retire a vida? Outro forte motivo já relatado como provável responsável pelo suicídio de jovens é a morte dos pais⁷. Outros motivos são referidos e devem contribuir, isoladamente ou em conjunto, para que a cada ano, no Brasil, alcancemos aproximadamente 2.800 registros de casos de suicídios acometendo indivíduos com idade entre 15-29 anos⁷. Esses dados podem estar apontando que o homem tem dado continuidade a conflitos gerados desde quando jovem e talvez esteja sofrendo ainda mais por dissimular uma habilidade de restauração de equilíbrio. O uso excessivo de medicamentos por adultos pode ser um indicativo das dificuldades em lidar com conflitos antigos ou perdas não superadas⁷. Jovens e adultos têm naturalizado o uso de medicamentos contra ansiedade e depressão⁷.

Desenvolvimento

O homem na sociedade atual aparece intensificando as ações que o distancia de uma vida natural, dedicando cada vez mais seu tempo às mídias ou redes sociais que não mostram o mínimo respeito para com a vida humana, ao contrário, foi no contexto de coberturas

irresponsáveis ou recorrendo ao sensacionalismo a qualquer custo, que o jogo “Baleia Azul” passou a ser conhecido. Sabe-se que o suicídio é algo contagioso e ainda assim é possível assistir seriados que exploram este tema detendo-se nos detalhes de passo a passo do suicídio cometido⁴. As consequências para isso devem ser das mais variadas, mas todas negativas. Por outro lado, se os seriados abordassem o tema dentro de um contexto, onde a opressão fosse desvelada, se houvesse argumentos que procurassem justificar o quadro de depressão ou um sofrimento maior, teríamos uma verdadeira oportunidade de refletir sobre o que se passa de fato. Além disso, as mídias e redes sociais têm servido intensamente ao consumo de produtos com benefícios irrelevantes, com criação de necessidades dispensáveis, sugerindo motivações em direção a um puro modismo⁸. As redes sociais tornam-se resumidas a um veículo que promove afirmação de valores, exibição de poder pelo consumo de artigos considerados caros, demonstração de riquezas e ilusões de que o indivíduo está vivendo a vida ideal, em total harmonia consigo ou com qualquer um. No entanto, dados estatísticos têm demonstrado uma séria contradição. Relatos evidenciam que o homem na atualidade procura se ocupar cada vez mais com múltiplas tarefas, e isto pode encontrar justificativa na fuga de conflitos ou falta de adaptação para a vida em sociedade. A ocupação demasiada e sem qualidade começa muito cedo, os jovens já absorvem este hábito através do consumo intenso de jogos eletrônicos e outras formas de entretenimento que não os obriguem a aperfeiçoar suas estruturas cognitivas de maneira diversificada⁵. A prática excessiva de jogos eletrônicos tem privado os jovens de experiências capazes de desenvolver habilidades de abstração, de verbalização, de sociabilização, de percepção⁵. O jovem depara com a vida sem um limite, são absorvidos por fantasias que passam a perdurar até a idade adulta. Parece que os jovens já estão sendo habituados a viver sem um sentido qualitativo para a vida desde muito cedo. Vive-se muito ocupado, desde jovens, mantendo-se da mesma forma depois como adultos, somando cargas de responsabilidades.

Adultos atingem metas, acumulam bens, mantém-se no foco para obter uma vida de consumo mais sofisticada, mas, ainda assim, é possível detectar, em algum momento, que muito se fez em troca de nada ou pouquíssima qualidade em termos de adequação para a vida e realização pessoal. Adultos acumulam tarefas que tornam a vida aparentemente intensa, mas é possível que não cheguem a atender um desejo pessoal verdadeiro. Quando inevitavelmente o homem mostrar-se doente, idoso, com algum impedimento, acometido por depressão ou quando a possibilidade de morte surge, percebe-se que tudo antes evitado, negado, reprimido, passa a fazer parte de sua realidade. Isso oprime quando se entende que a maioria dos indivíduos ou dos que estão ao seu redor, compartilham da mesma ideia de se acharem com algum valor apenas pelo que produzem. Quem sabe isso não seja capaz de gerar insegurança e falta de esperança no próprio homem o suficiente para expor um desespero ou depressão que já eram ocultos?

Sabemos que nossos conflitos não se resolvem com a rejeição ou com a resiliência. As perdas caracterizam-se pelo sentimento de profunda tristeza, exacerbação da atividade simpática e inquietude, no entanto, podem ser superadas e diferem dos quadros neurológicos da depressão capazes de anular a vida⁹. As perdas usualmente preservam certos interesses e permitem que o indivíduo reaja positivamente quando devidamente estimulado, não chegam a causar inibição psicomotora característica dos estados melancólicos¹⁰. Os sentimentos de culpa se limitam em não ter feito todo o possível, mas outras ideias de culpa são geralmente ausentes¹⁰.

Ocupar-se demasiadamente, seja para não pensar onde se encontra um limite próprio, seja para sustentar a ilusão de que é possível ocultar um limite da existência, pode estar “enterrando” motivações naturais ou “ofuscando” as escolhas entre opções que atendam melhor as necessidades psicológicas do indivíduo⁴. Por mais que haja tentativas em esconder um limite, como é o da morte, não há como se privar a todo tempo da ciência da finitude¹.

Avaliar essas questões nos leva a um quadro realmente difícil de interpretação. A morte como limite está sempre presente, no entanto, muitos são tomados por um desespero exposto procurando antecipá-la. É possível que por manterem ideias caracterizadas por afirmação, vingança, sentimentos de culpa por se sentirem rebaixados e emoções exacerbadas, dificultem a adaptação do indivíduo em sociedade. Vale lembrar que há ainda aqueles dominados pela violência ou brutalidade capazes de anular a vida de quem for como se a vida fosse um simples resumo sem valor.

Luigi Zoja (2001)³ argumenta o quanto a morte, como um processo puramente físico, tem sido adversária da vida ou um produto de rejeição nos tempos atuais. É possível que pela falta de correspondência entre a morte e a vida, ao final, caiamos na banalização de ambas. A vida sem a possibilidade de amadurecimento ao longo dela própria, tendo a morte excluída como objeto de reflexão, é admissível que torne o ser humano menos adaptado, oprimido, autodestrutivo diante do desperdício do seu tempo. Se nos mantemos mal convencidos, se fingimos estar convencidos, não é provável que sejamos capazes de sustentar uma resposta adaptada. Luigi Zoja³ sugere que, no passado, a morte representava o limite para o homem e foi retirada de seu lugar numa tentativa de substituí-la por um deus.

[...] Se deus foi removido dos céus e incorporado sobre forma de aspirações como ele infinitas, também a morte, removida da vista, não é eliminada mas deslocada e faz seu reaparecimento dentro dos sujeitos sob forma de depressões que fogem à explicação racional. O núcleo de tal modificação e abatimento da força vital é uma culpa absoluta, por sua vez desprovida de motivações identificáveis, à qual corresponde uma experiência real de justificação insuficiente para existir. A culpa, como sentir íntimo e impreciso nas causas, é sobrevivência da morte negada e da alma desvalorizada que retoma inconscientemente a figura tradicional da morte da alma. O sentimento de culpa, do qual não sabemos explicar a origem, não remete a uma responsabilidade específica, mas ao

terror ancestral do morrer espiritualmente³.

Conforme o texto, como deus não é encontrado, o homem passa a se colocar no lugar dele, entendendo-se como um deus igualmente sem limites. A ideia de morte física somada à ideia do ser eterno pulsiona o homem a “entulhar” a vida com pretensões ou tarefas. O homem moderno, ao excluir as consequências e os ensinamentos possíveis somente a partir da ideia de morte que se apresenta naturalmente, pode não estar percebendo que sofre as consequências do retorno de um conteúdo reprimido, com surgimento de um quadro onde a depressão ou a culpa assumem papéis decisivos na vida. Enquanto sintoma, a depressão mostra-se em variados quadros clínicos, tais como: transtorno de estresse pós-traumático, demência, esquizofrenia, alcoolismo, doenças clínicas. Pode também ocorrer como resposta a situações estressantes ou a circunstâncias sociais e econômicas adversas⁴. Enquanto síndrome, a depressão inclui alterações do humor (tristeza, irritabilidade, falta da capacidade de sentir prazer, apatia) e também outros aspectos, como alterações cognitivas, psicomotoras ou vegetativas (sono, apetite)⁴. É possível notar que, na sociedade atual, indivíduos recorram, repetidamente, a uma tentativa de retorno a um dos estados de prazer que foi presente em algum momento no passado. Dirigem-se ao passado para buscar ou identificar uma lembrança de um tempo bom. No entanto, se persiste a condição de ausência de prazer e o homem se inferioriza

diante da possibilidade de encontrar uma solução, se algo acontece limitando sua capacidade mecânica de produção ou ocupação pode-se chegar ao desespero e à opção de morte, onde não há nada, nem existência, nem dor¹¹. Esse é um princípio destrutivo evidenciado no indivíduo tomado por um excesso de organização, ou que seja sistemático ao extremo, ou naquele que apenas se vê progredindo dentro de um objetivo¹¹. Há relatos de que pessoas com esse tipo de comportamento podem adoecer por não extravasar, considerando que há uma dimensão humana que transcende a razão¹¹. Uma sociedade moderna onde o homem sente-se como peça de uma engrenagem, na qual há ambientes sem motivações maiores para a criatividade, reflexões ou restauração do equilíbrio, talvez esteja reunindo todas as condições necessárias para a proeminência dos sentimentos típicos que levam à suspeita de ter vivido um vazio. A resiliência ou motivações puramente externas devem estar encontrando sucesso em sustentar um quadro não aparente de depressão. O homem parece ser inicialmente tomado por um grande entusiasmo, mas depois chega ao extremo de perder a capacidade de experimentar prazer nas atividades, reduzindo seu interesse pelos ambientes. E por aparente motivo inexplicável adquire a sensação de fadiga ou perda de energia, se queixa de cansaço exagerado e sente lentificação ou retardo psicomotor, até mesmo podendo não reconhecer em si um estado de tristeza.

Conclusão

Estamos sujeitos a várias situações de perdas ao longo da vida e isto se torna insuportável se não amadurecermos para elas. Há derrotas e fracassos no dia a dia, frustrações profissionais, fracassos sentimentais, desejos de posse evidenciados, doenças graves. Não somente a morte nos causa dor e sofrimento, mas ao passar por ela disposto a assumir suas consequências, talvez aumente as chances de adquirirmos um aprendizado capaz de nos

sustentar posteriormente. O homem na sociedade atual, a ideia de morte e a depressão parecem em acordo com a mentalidade religiosa que é orgulhosa ao crer que rompeu os limites materiais. O ser humano ao deparar com a perda, que é muitas vezes tratada de forma até desrespeitosa, retrocede às suas contradições ou ações injustas. A humanização pode surgir nesse momento. Por outro lado, quando o homem encontra-se fraco e em um ambiente hostil, sendo tantas vezes rejeitado, ou tendo de afastar-se nas “pontas dos pés” por pensar ser um

desconforto para todos, é certo que surge “brechas” para a exposição de um quadro de depressão. Inclusive esse quadro podendo já estar presente há muito tempo, oculto nas ocupações intensas ou expressões de quem está bem adaptado. Enquanto o homem se “entulha” de ocupações a depressão pode estar presente sem sinais claros ou surge sem que se admita ou reconheça qualquer precedente.

Referências

1. Taverna, gelson; souza, waldir . O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. Caderno teológico da pucpr, curitiba, v.2, n.1, p..38 - 55, 2014.
2. Gutman, guilherme. A impossibilidade física da morte na mente de alguém vivo. Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental, são paulo, v. 12, n. 3, p.604-609, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1415-47142009000300016>
3. Zoja, luigi. História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano. São paulo: axis mundi, 2000.
4. Rosado, luiz alexandre da silva; tomé, vitor manuel nabais. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v. 96, n. 242, p.11-25, 2015.
5. Carvalho, husten da silva; goncalves, fernanda silva; valle, rodrigo gomes de souza; brito, vanda silva de, souza, erik de. Identificação do uso problemático de jogos eletrônicos em uma escola do rio de janeiro, brasil. Journal of health connections, sergipe, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2017.
6. Costa, camilla; mendonça, renata. Baleia azul ‘é só o gatilho’: o apelo viral de felipe neto sobre as reais causas do suicídio. Gazeta do estado, goiânia, 4 abr. 2017. Opinião, p. 3.
7. Moreira, lenice carrilho de oliveira; bastos, paulo roberto haidamus de oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. Revista quadrimestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional, são paulo, v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015.
8. Gadbem, adriano de almeida. O crescimento das compras online pelos consumidores da classe c. São paulo, s/d. Disponível em:<http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/internet/ponencias/gt18_26almeida.pdf> acesso em 10 de março de 2011.
9. Porto, josé alberto del. Conceito e diagnóstico. Revista brasileira de psiquiatria, são paulo, v..21 s.1, 1999. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44461999000500003>
10. Smith k. Mental health: a world of depression. Nature. 2014 nov 13;515(7526):181. Doi: 10.1038/515180a. Pubmed pmid: 25391942.
11. Freud, s. (1980). Análise terminável e interminável. In s. Freud, edição standard brasileira das obras psicológicas completas de sigmund freud (vol. 23, pp. 239-287). Rio de janeiro: imago. (trabalho original publicado em 1937).